

# O “lugar” como sistema socioecológico: diálogos para a construção de narrativas artesanas localizadas

*The “place” as a socioecological system: dialogues for  
the construction of localized craft narratives*

Sara Malta

---

*Design de Serviços;  
Inovação Social;  
Comunidades  
artesanas; lugar*

## **Resumo**

O diálogo entre o Design e as Práticas Artesanais (Artes e Ofícios) vem assumindo um papel importante na criação de oportunidades de se produzir de forma mais sustentável. No entanto, vários desafios se colocam nesta prática. Na promessa de se renovarem Artes e Ofícios, criam-se artefactos “deslocados” de sua estética, que no lugar de serem o reflexo de património da sua origem e testemunho das comunidades, são “aculturações” vítimas de tendências globais do mercado. Com o objetivo de compreender a importância que o “lugar” pode exercer na transformação socioeconómica, faz-se necessária uma revisão bibliográfica da relação dialógica dos vários conceitos, com referência a dois casos, identificando princípios de pesquisa e ação colaborativa. Com os resultados obtidos, sugere-se uma estrutura teórica, contemplando uma abordagem holística e integradora dos vários sistemas (social e ecológico), com vista à regeneração socioecológica e à criação de um património contemporâneo artesanal participativo, autónomo e localizado.

---

*Service Design;  
Social Innovation;  
Craft communities;  
Place*

## **Abstract**

*The dialogue between Design and Craft Practices (Arts and Crafts) has been playing an important role in creating opportunities to produce more sustainably. However, several challenges arise in this practice. In the promise of renewing Arts and Crafts, artefacts “displaced” from their aesthetics are created, which instead of being a reflection of the heritage of their origin and witness of the communities, are “acculturations” victims of global market trends. In order to understand the importance that “place” can play in socio-economic transformation, a bibliographic review of the dialogic relationship of the various concepts is necessary, with reference to two cases, identifying principles of research and collaborative action. With the results obtained, a theoretical framework is suggested, contemplating a holistic and integrative approach of the various systems (social and ecological), with a view to socio-ecological regeneration and the creation of a participatory, autonomous and localized contemporary artisanal heritage.*

## 1. Introdução

As Práticas Artesanais surgem como um aliado ao Design na forma de se produzir de forma mais sustentável e significativa, pela sua dimensão simbólica e cultural. Uma atividade económica que na sua essência, está relacionada com as suas raízes e “lugar” (território-matéria) (ALBINO, 2014), fazendo representações significativas do património imaterial do seu sistema. Apesar da industrialização ter reduzido este consumo, novas formas de viver em oposição ao desacerbado progresso e globalização emergem, dando lugar a modelos de produção mais limpos e lentos como o Slow Design (FUADE LUKE, 2004). Esta crescente valorização do saber-fazer, traz desafios ao artesanato, que não detém soluções para acender ao mercado e manter a “tradição”, levando à descaracterização da técnica e estética do produto.

No diálogo com a prática do Design, o designer deve surgir como facilitador alicerçado na identidade pessoal dos artesãos (Mazzarella et al., 2018), mantendo-os na essência do processo (Borges, 2011) de co-design, recorrendo a recursos locais e identidades culturais, fomentando a autonomia das comunidades artesanais (Bonsiepe, 2011) e catalisando a inovação social (MANZINI, 2008).

Mas são vários os desafios de sustentabilidade destas iniciativas, como a incapacidade de apropriação pelas comunidades a longo prazo das estratégias desenhadas, muitas vezes provocado pelo desconhecimento do contexto (“lugar”) de intervenção (AMATULLO, 2014).

De forma a informar futuras iniciativas de inovação social locais, mas escaláveis, e com impacto efectivo, é pertinente explorar estes dois desafios e relacioná-los com a nossa questão: “Pode o “lugar” ser o catalisador da transformação efectiva do sistema socioeconómico local? Se sim, que abordagem devemos ter?”

Para obter a resposta, faz-se uma revisão bibliográfica da relação dialógica dos vários conceitos, e referem-se dois casos com modelos e geografias distintas, identificando princípios de pesquisa e ação colaborativa. Após a apresentação dos métodos previstos a aplicar, sugere-se uma estrutura teórica para a abordagem a ter na perspectiva de transformação positiva do sistema intervencionado.

## 2. Objetivos

Com o objetivo final da compreensão da importância que o “lugar” pode exercer na informação da transformação socioeconómica, estabelecemos dois objetivos:

- Estabelecer uma relação entre o Design de Serviços, Inovação Social, Comunidades Artesanais e apropriação de soluções;
- Identificar alternativas de pesquisa e acção, para a co-criação de narrativas materiais e imateriais, significativas e localizadas.

## 3. Revisão de literatura

A sustentabilidade do futuro do nosso planeta depende de nós, e nós somos o futuro (MORAES, 2008). A Inovação Social (IS) propõe processos de transformação social, na recombinação criativa de ativos existentes e numa perspectiva não assistencialista e escalável. O designer na consciência do que o rodeia, deve facilitar (SANDERS E

STAPPERS, 2008), instrumentos para habilitar novas formas de viver catalisando a inovação social (MANZINI, 2008) e criar relações dialógicas (CIPOLLA, 2014).

O Design de serviços (DS) tem nas suas metodologias participativas, capacidade de transformação e empoderamento dos beneficiários (SANDERS & STEINERT, 2012) sendo um catalisador da criatividade e resiliência, tornando-os co-designers de soluções colaborativas, num mundo cada vez mais centrado nas interações das pessoas (SANGIORGI, 2009). Assim o DS para a IS (DSIS) constitui-se na sua multidisciplinaridade como a prática do design, na sua metodologia centrada na comunidade (MERONI, 2008), com ferramentas para a actuação nestes contextos.

No diálogo do Design e Artes e Ofícios, Adélia Borges (2011) refere as principais acções do designer: a melhoria das condições técnicas, a promoção dos materiais locais, identidade e diversidade e por último a criação de marcas. Mas Cavalcanti (2017) afirma que também se produzem soluções imediatas, pela materialização em produtos artesanais, e isso reflete-se em resultados pontuais sem impacto efectivo (WILLIS E EBANA, 2017; MAZZARELLA, 2021; KANG, 2016). Surgem aculturações imperialistas (Kang, 2016) levando à desvirtuação do que são os símbolos da comunidade, “lugar”, recursos materiais e imateriais (ALBINO, 2014), colocando o equilíbrio comunitário em risco (MANZINI, 2008).

Diferentes situações exigem diferentes respostas (BORGES, 2011), e assiste-se ao florescimento mundial de iniciativas artesanais de economia social, como ferramenta de inclusão socioeconómica, aspirando à autonomia dos seus participantes, mas pouco se escreve sobre a sua sustentabilidade e modelos. No Brasil pela diversidade de projectos, destacamos o Laboratório **O Imaginário** que elaborou um modelo transdisciplinar (Figura 1) com os eixos: produção, mercado, design e gestão. A parceria, qualidade e sustentabilidade estão presentes em todas as acções que traduzem os valores da comunidade artesanal e produto, que são o ponto central. Este modelo é aplicado em diferentes regiões com diferentes técnicas e comunidades (Figura 2).

**Figura 1 – Modelo de intervenção em ambientes artesanais do Laboratório O Imaginário**

Fonte: <https://www.oimaginario.com.br>

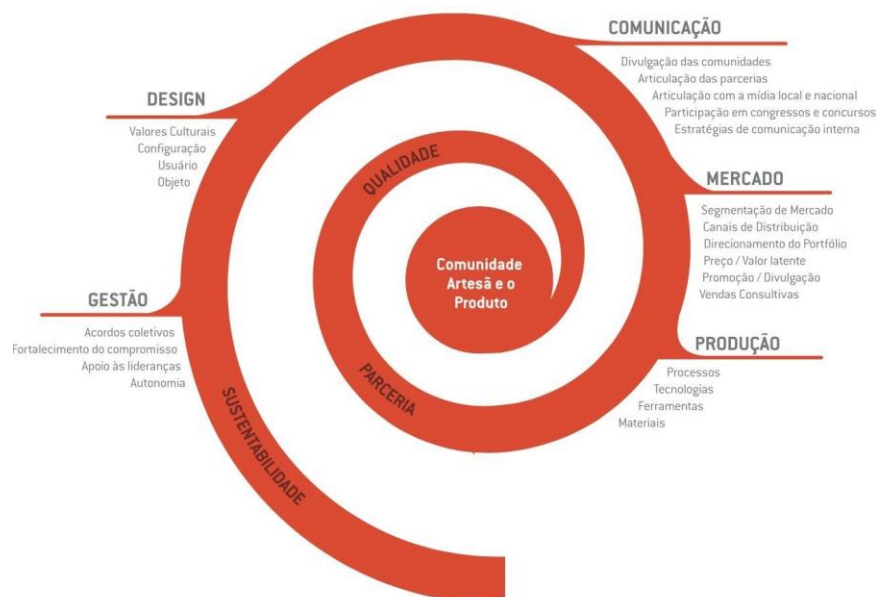


Figura 2 – Imagens de Olarias do Mauríti e Centro de Artesanato do Cabo - Intervenção do Laboratório O Imaginário  
Fonte: <https://www.oimaginario.com.br>



Figura 3 – Exemplos de diferentes luminárias da iniciativa de economia social “Pet-Lamp” e artesãos  
Fonte: <https://www.petlamp.org>



Outro caso multi-territorial, o Pet-Lamp (Figura 3) com base em Espanha, recicla garrafas PET, transformando o desperdício em artefactos úteis como luminárias com técnicas de tecelagem e recursos vegetais existentes nos vários países onde replicou a iniciativa (Austrália, Chile, etc). Com o mesmo modelo organizacional, produz diferenciadamente exaltando a identidade local e explorando o potencial existente no “lugar”, escalando o seu impacto.

A possibilidade de nos centrarmos no potencial do “lugar” como ponto de partida de intervenção, em vez da identificação dos problemas da comunidade ou do “contexto”, leva-nos a estabelecer um paralelo com a sustentabilidade. Procura soluções semperceber se pode regenerar, atenuando impactos e problemas. Será que ao encontrar soluções rápidas para problemas sociais, também só podemos esperar atenuá-los e originar outros?

O desenvolvimento regenerativo tem como princípio a construção de ligações saudáveis através da co-evolução humano-natureza (MANG et al., 2016), proporcionando uma aproximação entre ser humano e a sustentabilidade nos seus sistemas envolventes (sistemas naturais, sociais e urbanos) (MANG et al., 2016).

Nesta reflexão, propomos uma prática do design neste diálogo com o “lugar” e o seu potencial, com princípios regenerativos, focado na resiliência dos sistemas e adaptando-se à imprevisibilidade do futuro e constantes mutações (WAHL, 2016). Reed (2007) definiu três aspectos impulsionadores desta mentalidade regenerativa no design:

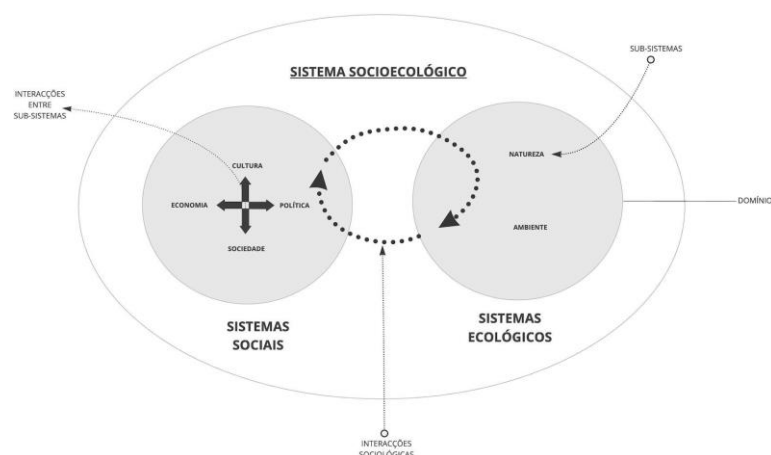
- [1] Compreender os padrões principais do lugar;
- [2] Traduzir os padrões em guias de design e em design conceptual;
- [3] Obter feedback contínuo, através de um processo consciente de aprendizagem por meio da ação, reflexão e diálogo.

Esta premissa regenerativa obriga-nos a compreender estes sistemas naturais, sociais e urbanos e relacioná-los. O conceito de “sistemas socioecológicos” é utilizado para integrar todos os processos e componentes dos diferentes componentes (BUSCHBACHER, 2014) e ter uma visão global de todo o sistema.

Assim um sistema socioecológico (Figura 4), interliga os sistemas sociais (cultura, política, economia e sociedade) e ecológicos (natureza com elementos naturais e o ambiente com elementos criados pelo homem) (ZAPATA et al., 2011).

**Figura 4 – O sistema socioecológico, sub-sistemas e interações.**

Fonte: Elaborada por autor. Adaptado de Zapata et al, 2011.



Na análise destes sistemas socioecológicos identifica-se uma das principais aplicações da teoria da resiliência (BUSCHBACHER, 2014). O princípio é que as incertezas inevitáveis de sistemas complexos dinâmicos inviabilizam a sua gestão predeterminada (BUSCHBACHER, 2014). Assim, reforçam-se capacidades do sistema que mantêm a flexibilidade para a aprendizagem e adaptação durante a imprevisibilidade da mudança (BUSCHBACHER, 2014).

Sugerimos transpor essa visão, para a aplicação do DSIS na análise do “lugar” como um sistema socioecológico. Na análise do “lugar”, em vez da identificação de problemas para soluções estratégicas, sugerimos uma visão holística, compreendendo as interações sistemas e sub-sistemas do “lugar”, activando o seu potencial regenerativo.

#### 4. Métodos e técnicas

Nesta análise, foram identificados métodos participativos aplicados no DSIS em comunidades artesanais com resultados positivos na apropriação das soluções. (KANG, 2016; MAZZARELLA, 2021; CORSINI, 2021).

Numa metodologia de investigação-acção cíclica, sugere-se a CBPAR - Community Based Participatory Action Research que se constitui um método colaborativo, com Base na Comunidade; Participativa; e com Ação baseada e orientada na transformação social para a activação do potencial do “lugar”.

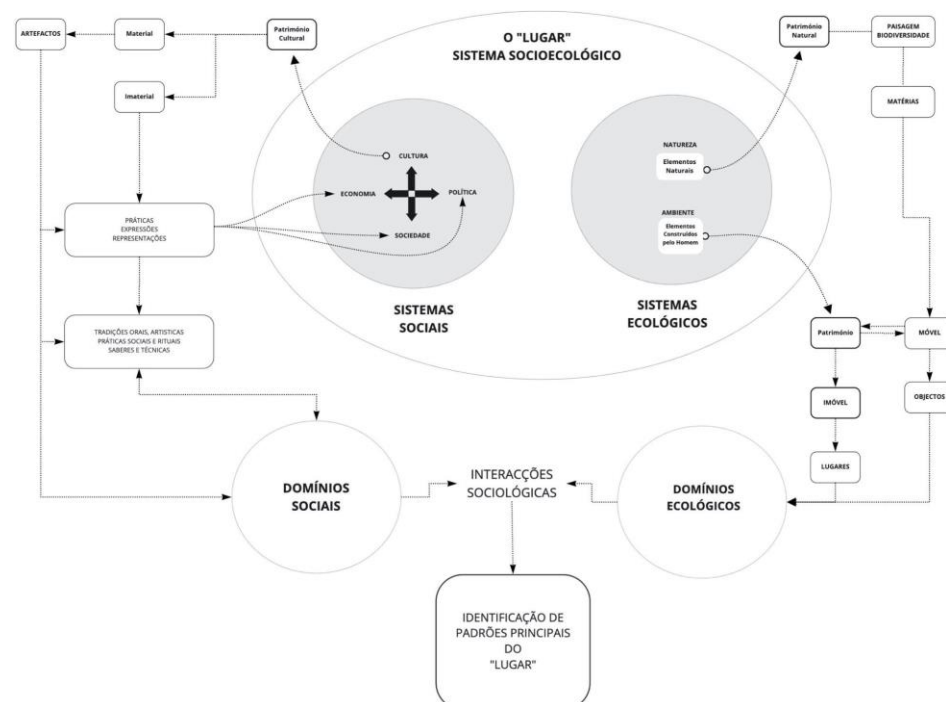
Relativamente à prática do Design (produto e/ou serviço), segue-se o modelo “Double Diamond” (BRITISH COUNCIL, 2020) centrado na Comunidade (MERONI, 2008), com 4 fases, 1) Descobrir. (2) Definir; (3) Desenvolver; e (4) Entregar.

#### 5. Resultados preliminares

Concluindo, como resultado, sugerimos a aplicação desta teoria de resiliência na abordagem do potencial do “lugar”, compreendido como um sistema sócio-ecológico no âmbito da prática do DSIS, na possibilidade de daí resultarem inovações sociais regenerativas com um impacto a longo termo nestas comunidades e potencialmente escalável, para outros “lugares”.

Figura 5 – Sugestão de estrutura teórica, contemplando uma abordagem holística e integradora dos vários sistemas (social e ecológico)

Fonte: Elaborado pelo autor





Na Figura 5 apresentamos uma estrutura teórica de abordagem deste sistema, com os vários domínios de análise que permitirão compreender os padrões principais do “lugar” e informar novas iniciativas em localizada em comunidades artesanais, através da adaptação e possível tradução para guias de design localizados.

## 6. Considerações finais

Não foi possível a explanação dos vários sistemas, sub-sistemas, interações dos mesmos e a relação com a prática do DSIS, pelo que se recomenda a sua caracterização pormenorizada com fluxos, mapas e ferramentas a aplicar nas várias fases. Reconhecendo que esta é uma fase preliminar da investigação, será necessário traduzir esta estrutura teórica para a sua aplicação a um “lugar” específico na perspectiva de avaliar a sua praticabilidade e resultados finais.

## Referências

- ALBINO, Claudia. **Os Sentidos do Lugar: Valorização da identidade do território pelo design**. (Tese de Doutoramento). 2014. Aveiro. Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro.
- AMATULLO, Mariana. The most wicked problem of all: implementation. **Design for All**, p. 30-31, 2014.
- BONSIEPE, G. **Design, Cultura e Sociedade**. São Paulo: Blucher, 2011.
- BORGES, A. **Design+Artesanato: o caminho brasileiro**. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.
- BUSCHBACHER, Robert. “A teoria da resiliência e os sistemas socioecológicos: como se preparar para um futuro imprevisível?”. 2014. <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/5561>.
- CAVALCANTI, Virginia; Capítulo 29, in MOURÃO, Nadja; GAUDIO, Chiara; MARTINS, Fernanda; FRANZATO, Carlos. **Ecovisões sobre Design e Artesanato**. São Paulo, 2017.
- CIPOLLA, Carla.; BARTHOLLO, Roberto. Empathy or Inclusion: A Dialogical Approach to Socially Responsible Design. *Int. J. Des.*, 8, 87–100. 2014.
- CORSINI, Lucia; MOULTRIE James. **What Is Design for Social Sustainability? A Systematic Literature Review for Designers of Product-Service Systems**. *Sustainability*. 2021, 13, 5963. <https://doi.org/10.3390/su13115963>.
- DESIGN COUNCIL (n.d.) **The Design Process: What is the Double Diamond?** Disponível: <https://www.designcouncil.org.uk/news-opinion/design-process-what-double-diamond>.
- FUADE-LUKE, Alistair. **Slow Theory: A paradigm for living sustainably?** 2004. <https://pdfslide.net/documents/slow-theory-a-paradigm-for-living-sustainably-author-al-astair-fuad-luke.html>.
- KANG, Lina. Social design as a creative device in developing Countries: The case of a handcraft pottery community in Cambodia. 2016. *International Journal of Design*, 10(3), 65-74.
- MANG, Pamela., HAGGARD, Ben, & Regenesis. **Regenerative Development and Design - A Framework for Evolving Sustainability** (1st ed.) 2016. New Jersey: Wiley.
- MANZINI, Enzo. **Design para a inovação social e sustentabilidade: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais**. 2008. Rio de Janeiro: E-papers /Serviços Editoriais Ltda.
- MAZZARELLA, Francesco; MAY, Andrew; MITCHEL, Val. A Methodological Framework for Crafting Situated Services. School of Design and Creative Arts, **Journal of Service Management** Vol. 32 No. 5, 2021 pp. 752-782. 2020. Loughborough University, Loughborough, UK.

- MAZZARELLA, Francesco; MITCHEL, Val; MAY, Andrew; ESCOBAR-TELLO, Carolina. Weaving the Threads: Service Innovation with Textile Artisan Communities. In: **Proceedings of ServDes 2018: Proof of Concept**. 18-20 June 2018, Politecnico di Milano, Milan, Italy.
- MERONI, Anna. 2008. Strategic design: where are we now? Reflection around the foundations of a recent discipline. *Strategic Design Research Journal*, 1(1), July-December. pp. 31-38.
- MORAES, E. (2008). **The future is Us**. In *Collaborative services*. Jégou, F., Manzini, E. (2008) Milano: Edizioni POLI.design, p. 21.
- REED, Bruce. (2007). Forum: Shifting from “sustainability” to regeneration. **Building Research and Information**, 35(6), 674–680.
- SANDERS, Elizabeth; STAPPERS, Pieter Jan. Co-creation and the new landscapes of design’, *CoDesign: International Journal of CoCreation in Design and the Arts*, vol. 4, no. 1, pp. 5-18. 2008.
- SANDERS, Elizabeth; STEINERT, Martin; HUSSAIN, Sofia. Participatory design with marginalized people in developing countries: Challenges and opportunities experienced in a field study in Cambodia. *International Journal of Design*, 6(2), 91-109. 2012.
- SANGIORGI, Daniela. (2009). BUILDING UP A FRAMEWORK FOR SERVICE DESIGN RESEARCH, **8th European Academy Of Design Conference** - 1st, 2nd & 3rd April 2009, The Robert Gordon University, Aberdeen, Scotland.
- WAHL, Daniel. **Designing Regenerative Cultures: living the questions together**. 2016. Axminster, England: Triarchy Press.
- WILLIS e ELBANA, E., “Socially engaged design: a critical discussion with reference to an Egyptian village”, *Design Philosophy Papers*, Vol. 14 Nos 1-2, pp. 33-57, 2017.
- ZAPATA, Walter Alfredo Salas; RIOS-OSÓRIO, Leonardo; CASTILLO, Javier Alvarez-Del. 2011. Bases conceptuales para una clasificación de los sistemas socioecológicos de la investigación en sostenibilidad, 2011. *Revista Lasallista de Investigación* - Vol. 8 No. 2, Medellín – Colombia.

## **Autora**

**Sara Malta**

ORCID 0000-0002-0947-7863

Universidade do Minho – UMINHO

pg43059@alunos.uminho.pt

## **Como citar**

MALTA, Sara. O “lugar” como sistema socioecológico: diálogos para a construção de narrativas artesanais. *Design em Questão*, v. 2, n. 3, p. 110-117, jul. 2022.